

BIOGRAPHIA
DOS
BRASILEIROS DISTINTOS POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

NATURALIDADE DE DOM ANTONIO FILIPPE CAMARAO

A verdadeira naturalidade do herói indio das campanhas contra os hollandezes invasores de Pernambuco, D. Antônio Filipe Camarão, comandador dos Moinhos de Soure na ordem de christo, em Portugal, e governador e capitão geral de todos os indios no Brasil, foi para nós, durante algans annos, objecto das mais serias duvidas e hesitações.

E' certo que Fr. Manoel Calado, testemunha de vista, na primeiria parte (impressa) do seu *Valvoro Lucideno* nos dizia aqui positivamente (pag. 164), que João Fernandes Vieira lhe escreverá a elle Camarão, para Sergipe, dizendo-lhe que, pois havia nascido em Pernambuco, não deixasse de vir ajudá-lo, etc.; e em outro lugar (pag. 334) parecia confirmar esta idéa um certo discurso que diz proferira Henrique Dias. Porém a tal carta de Vieira era para nós suspeita, porque faz parte do sistema de o suppôr iniciador da revolução pernambucana de 1645; sistema provado de falso, e confirmado de tal pela confissão do proprio Vieira na carta que dirigiu ao soberano em 22 de Maio de 1671. Assim, n'este ponto, a autoridade de Calado nos merecia tão pouco credito como os discursos, que elle dô como proferidos nas primeiras conferencias, entre o mesmo Vieira e André Vidal; e conforme aos quais é de fé idêntica nos pareceu o que pôe na boca do herói negro.

Porém sobretudo, o que mais nos moveu a não acreditar

essas asserções de Caiado era o dizer elle mesmo, pouco adiante (pag. 165) d'aquelle primaera, que o dito chefe indio, despejando suas aldeias, viéra a apresentar-se a Mathias de Albuquerque, trazendo consigo todos os indios que lhe estavam sujeitos, os quaes, segundo acrescenta logo depois (pag. 169), eram *Pitiquares*. Se de facto fossem de nação *Pitiquar* (e por conseguinte do Rio-Grande do Norte) os taes indios, devia conjecturar-se que tambem a essa mesma nação pertenceria o chefe; e com maior razão quando outros dados vinham em apoio d'esta conjectura.

Com effeito, encontravamos em varios documentos antigos (e, se nos não engana a memoria, ató em um dos mappas, ainda infelizmente ineditos, da *Razão do Estado do Brasil*, em 1612, pelo sargento-mór Diogo de Campos Moreno) que pelo Rio-Grande ou Pirenópolis, à margem direita estaria assentada a *aldeia do Camorão*. Tinhamos tanta certeza quanto se pôde obter da critica historica segundo melhor se verá pela 2^a edição da *História Geral*, se chegarmos a publicar), que n'essa aldeia estava alojado o capitão-mór da Paraíba Feliciano Coelho, quando Manoel Mascarenhas, capitão-mór de Pernambuco, houvera feito entrega do forte do Rio-Grande a Jeronymo de Albuquerque (depois Maranhão) para recolher-se a Pernambuco, ali foi poupar no primeiro dia da jornada.

Como porém, provar que este Camorão era o nosso herói? Que idade não teria quando morreu, para já haver sido principal uns 30 annos antos?

Estas duvidas cresciam, quando, por outro lado não faltavam argumentos que nos fariam inclinar a crer que D. Antonio Filippo havia nascido no Ceard; e que poderia ter havido engano no conceituarem-se os seus indios de *Pitiquares* em vez de *Tubajdras*.

Em favor do Ceará, tinhamos, ao parecer, um texto da *Jornada do Maranhão*, do dito Sargento-mór Diogo da Campos, declarando expressamente (ed. de 1812, pag. 24) que o Camarão era irmão do principal Jacaúna, (depois de haver-nos dito que este era grande amigo do fundador da capitania do Ceará, Martim Soares, a quem chamava filho, e a quem, com os seus índios do Jaguaribe, muitos serviços prestava. Assim devíamos suppôr que senão, como parecia, Jacaúna, o por conseguinte seu pai e a sua tribo, do Jaguaribe, também d'ali deveria ser o irmão. Para aceitar porém esta versão, nos ocorria a mesma dúvida que antes dissemos; isto é, se este Camarão do sangue de Jacaúna, era o nosso herói. E' verdade que Berredo parecia assim indicá-lo, chamando-lhe (§ 223) o grande Camarão, porém, não poderia Berredo, tantos anos depois, haver a este respeito pedecido algum equívoco? Não poderia ter querido dar-lhe o epíteto de grande por serviços prestados antes, ou colonização do Rio-Grande?

Em semelhantes irresoluções estávamos, e conforme com elles ia a redação da nossa primeira minuta da seção 28^a da *História Geral*, quando abriulho a *Chorographia Brasileira*, na pag. 233 (1^a edição) do 2^o vol., encontreimos que Ayres do Casal, tratando da Villa Viçosa do Ceará, lhe consagrava estas terminantes palavras:

« *E patria de B. Antônio Filipe Camarão.* »

Em vista da semelhante assertão feita por um eclesiástico da boa fé do Casal, que havia escrito o seu livro tendo à sua disposição no Rio de Janeiro os arquivos das secretarias d'estado e muitas informações pedidas expressamente do então capitânia ou província, julgamos que a informação constaria diretamente dos descendentes que ainda haveria em Villa Viçosa, e não vacillamos em admitir como preferíveis as fortes induções que se deviam tirar des palavras

do Diogo de Campos; e aceitámos a opinião pela qual Ayres do Casal se responsabilisaria de um modo tão decisivo, e sem ter dado lugar a nenhuma reclamação ou protesto que conhecessemos, apesar de sorem decorridos desde a publicação de sua obra quasi os mesmos annos que tínhamos de idade.

E, fiados em autoridade tão conhecida de um livro que anda nas mãos de todos os litteratos nem julgamos necessário citá-la. Attribuímos pois a manifesto engano à asserção de Coludo, de serem Pitiquares os índios de D. Antônio Filipe, a não haverem estes ficado à sua obediencia desde a colonisação do Ceará. Ora, se o nosso herde resultava filho do Ceará, não podia ter deixado de abalar d'ahi senão movido por Martin Soares Moreno, embora este chefe chegasse ao sítio do Recife um pouco mais tarde. Porém a verdade é só uma, o tem de ficar triumphante apenaas apparece descoberta.

Hoje não temos dúvida de esverrar que eram errados as informações que recebêra Casal, e que o grande Camarão não era filho do Ceará.

Longe de sentir-se o nosso amor proprio ao fazer esta rectificação, experimentarmos n'issu um verdadeiro orgulho. Semelhante rectificação, e assim as outras que já temos feito, e muitas que, graças ao apparecimento de novos documentos e mais atardado estudo, faremos (se Deus nos o permitir, na segunda edição que temos de tudo preparada para o prelo da nossa *Historia Geral*) contribuirão mais a comprovar nossa boa fé, e a acusar a virgindade em que se achava há poucos annos o campo da critica historica no nosso paiz. Assim tambem succidia, ainda n'este século, à historia da metropole, onde a vida litteraria do eminentíssimo critico João Pedro Ribeiro foi levada em uma série de rectificações sucessivas.

Voltando, porém, ao Camarão, temos um escriptor contemporâneo e que conheceu perfeitamente o herói indio, seu companheiro d'armas e que, se bem do menos letras que o autor do valeroso *Lucideno*, é sem duvida de mais tino e conceito que elle, o qual vem decidir para nós de todo a questão.

Duarto d'Albuquerque, conde de Pernambuco, nas suas *Memorias Diárias*, ao principiar a tratar dos factos ocorridos no anno de 1631, diz positivamente que D. Antonio Filipe Camarão era em pessoa *Índio Pitaguar*.

Este testemunho é concludente; e lança por terra quase quer tradições comunicadas a Ayros do Casal; sobre tudo quanto apparece corroborado por Calado com o dizer que também eram *Pitiguaras* os indios que lhe obedeciam, como aliás parecia natural que o fossem.

Se o herói Camarão fosse filho de Pernambuco o teríam chamado *Caiti*; se das serras d'Ibiapaba, *Tubajdrú*; e se das planícies da costa do Ceará *Tremembé*. Chamando-o Duarte d'Albuquerque *Pitaguar* no-lo declarou positivamente do Rio-Grande do Norte.

Resolvida assim toda a dúvida acerca da naturalidade do herói indio, inclinamo-nos a crer que era elle o proprio principal Camarão da abóbada do rio Potengy, que contribuiu para a fundação d'essa capitania, e que depois acompanhou a Jeronymo d'Albuquerque (Maranhão) até o Ceará; onde se deixou ficar, com seu irmão *Jesuina*, por achar-se mui cansado dos trabalhos da jornada e da viagem por mar.

Alguns outros factos vêm em apoio d'este, para nós hoje de todo averiguado.

Quando, em 1625, estiveram os hollandezes com 34 navios na baía da Traição, no Rio-Grande, se lhes uniu com sua mulher e filho, um indio, por nome Jagantary.

que era tio de D. Antônio Filipe (Mem. Diárias, 12 de Dezembro de 1633). — D'onde se pôde colligir que a tribo a que pertencia era *Pitiquar*, e por tanto do Rio-Grande toda a parentela.

Mais tarda encontramos um sobrinho de D. Antônio Filipe (o seu sucessor no governo dos índios D. Diogo Pinheiro Camarão) empenhando-se com predileção por essas terras do Rio-Grande, e obtendo uma C. Regia (21 de Julho de 1672) para o governador do Brasil visconde de Barbacena, ordenando-lhe que nas capitâncias de Pernambuco não se propuzessem, para governar as aldeias d'índios, senão individuos das nações *Tabaídra* e *Pitiquara*, nascidos na capitania a que pertencesse a aldeia. N'este modo ficaram excluídos os de nação *Caiti*, e não houve contribuído por certo para isso D. Diogo, se d'esta nacionalidade fosse oriundo.

Se admittimos que D. Antônio Filipe era o próprio Camarão da conquista do Rio-Grande e do Maranhão; europeu também admittir que, quando falleceu, depois do meado de 1638, deveria ser pelo menos septuagenerário; e que o principal Jacasina que moldara a sua aldeia, levando-a para junto da fortaleza de Martin Soares, era originariamente, não filho do Ceará, porém sim do Rio-Grande.

Concluiremos este pequeno trabalho fazendo duas perguntas aos que, melhor que nós, possam vir a esclarecer o caso de resolvê-las.

I.

Não poderá encontrar-se no nome do rio *Potengy* (porventura *Poty-yi?*) alguma derivação do de *Poty*, que era o verdadeiro nome índio do Camarão? — De outro lado,

bisaba ou principal sabemos nós que deu seu nome ao rio que, com pequena adulteração ainda hoje se chama de Sergipe.

2.^a

Em presença do facto que devíamos averiguado, podem julgar-se como suficientes os discursos de Calado e do seu plagiador, na parte inédita, Fr. Raphael de Jesus, para conceituarmos de pernambucano o bravo mestre de campo Henrique Dias, governador de todos os soldados do céu no Brasil?

Onde existe a certidão do lugar em que nasceu, ou onde está este lugar declarando?

Não podia ter nascido nos Alagoas, então pertencentes à jurisdição de Pernambuco, quando o vemos por primeira vez recomendado na defesa de Porto-Caíva, e por conseguinte na do passo para as trevas Alagoas?

Não poderia ser da gente que desde o princípio veio em auxílio dos pernambucanos, da Bahia e da Paraíba?

Não poderia finalmente ser do Rio-Grande, quando vemos que o seu distrito foi considerado como de Pernambuco por Calado, desde que fez dizer ao herói negro que a pátria do Camaçari era também a sua?

Temos fôr de que n'algum livro da antigua provérbioria da Bahia, consultado desde 1637 a 1645, poderá existir ao certo essa naturalidade, se da parte do Instituto se oficializar n'esse sentido a alguns de nossos consócios ali residentes. O facto de estar morando Henrique Dias no Recife, quando faleceu em Junho de 1662 (provavelmente na noite de 7, visto que a 8 foram dadas as ordens para

a enterro) nada prova, pois era natural que, tanto elle, como a familia passassem a ocupar as propriedades que, depois da guerra, ali lhe foram doadas.

Somos entusiastas de varios heróes nascidos na província de Pernambuco: temos a fortuna de contar por amigos, dos mais leais que temos tido, não poucos pernambucanos; porém, se amicus Plato,

MAGIS AMICA VERITAS

Francisco Ad. de Varnhagen.

FIM DO TOMO XXX, PARTE PRIMEIRA.